

Biosseguridade na produção animal intensiva

Consultor sugere que novos procedimentos devem ser adotados para evitar que humanos passem seus próprios patógenos às aves



Autor: Ricardo A. Soncini, médico veterinário, consultor em saúde animal

Entende-se a biosseguridade dentro dos sistemas de produção animal intensiva como o conjunto de procedimentos que visam prevenir ou controlar a contaminação dos rebanhos por agentes ou doenças infecciosas que afetam a produtividade destes ou a saúde dos consumidores de produtos de origem animal (adaptado de SESTI, 2005).

Os programas de biosseguridade têm como objetivo evitar o ingresso de agentes/doenças exóticas em uma granja/região, bem como evitar a propagação de um agente dentro dos diferentes compartimentos de uma granja ou região onde este já foi identificado.

O Brasil é um dos principais países produtores e exportadores de alimentos de origem animal. Este mérito é fruto de uma constante e crescente preocupação do setor produtivo. O agronegócio brasileiro vem investindo há muitos anos em biosseguridade, isolamento de granjas, restrição de ingresso de pessoas, banho e troca de roupas no ingresso nos galpões, idade única nos plantéis avícolas e mais recentemente no aprimoramento das Boas Práticas de Produção (BPP ou GMP). O reconhecimento das equipes de auditores ou empresas certi-

ficadoras são exemplos do sucesso destas práticas.

O status sanitário de nossos plantéis é resultado dos procedimentos de biosseguridade das cadeias produtivas. Comparando a situação das doenças consideradas endêmicas no Brasil com outros países também com alta especialização na produção animal, facilmente podemos reconhecer diferenciais. Muitas das doenças que impactam fortemente nos resultados produtivos de seus rebanhos, estão bem controladas em nosso meio ou consideradas exóticas (exemplos: Influenza Aviária e Newcastle).

Zoonoses e doenças emergentes

Nestas últimas décadas, aproximadamente 75% das doenças emergentes que afetam humanos

foram provocadas por patógenos provenientes de animais (BROWN, 2004), e a estas se somam as toxinfecções alimentares. Nos últimos anos, vários episódios tornaram-se ameaças para a humanidade, como a Encefalite Espongiforme Bovina, o vírus Ebola, a Síndrome Respiratória Aguda (SARS) os casos de Influenza Aviária (H5N1) e a mal denominada “gripe suína” (H1N1). Estes episódios induziram a Organização Mundial da Saúde (OMS) a anunciar o risco de pandemias com sérias consequências para a humanidade, felizmente não concretizadas.

As zoonoses são doenças transmitidas entre animais e humanos. Os primeiros são considerados os disseminadores de agentes zoonóticos, porque é maior a probabilidade de um animal transmitir a doença para os humanos, face às formas de contato animal doméstico-homem. Na maior parte das zoonoses maiores (Raiva, Brucelose, TBC, Cisticercose, Triquinose) o contágio sucede do animal ou alimento de origem animal ao homem.

Novas doenças provocadas por agentes antes desconhecidos ou considerados saprófitos em condições menos exigidas, aparecem nos rebanhos, como a Anemia Infec-

ciosa, a Pneumovirose e o vírus J da Leucose Aviária.

Por outro lado, as metodologias atuais de produção demandam grandes esforços fisiológicos dos animais e os tornam mais suscetíveis a doenças. Além disso, um contato próximo entre o animal e o homem expõe ambos a uma maior troca dos micro-organismos presentes no ambiente.

Recentemente, algumas zoonoses trouxeram grande preocupação para a saúde pública. A Influenza Aviária (H5N1) altamente virulenta para muitas espécies de aves, causou, em alguns países asiáticos, doença e morte em pessoas.

Este vírus é pouco adaptado aos humanos, porém adquiriu alto grau de letalidade para as pessoas que se infectaram como consequência do estreito contato com aves doentes. Humanos adquiriram a doença das aves, mas não há registros de estes terem contaminado aves.

Os novos cenários da saúde de animal

A recente pandemia de Influenza H1N1 afetou humanos e também animais (suínos e aves). O vírus transitou entre humanos e se difundiu muito rapidamente em todo o mundo. Vários países comunicaram episódios afetando populações de animais (suínos e aves), e, embora não se conheçam as fontes com precisão, é possível que humanos com a doença tenham transmitido o vírus aos animais (OIE, 2011).

No caso dos perus, o trato reprodutivo foi apresentado como a via de contágio entre as aves, apesar de a via respiratória ter pouca importância na transmissão do vírus H1N1. Nesta espécie é empregada a inseminação artificial para a produção de ovos férteis. Isso leva o sêmen e a prática da inseminação das peruas a um estreito contato com as mãos e a respiração dos operadores.

Não se descarta que pessoas tenham contaminado os reprodutores, tanto no Chile como no Canadá, países que informaram à Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) o isolamento do vírus H1N1 em lotes de peru associados a problemas reprodutivos (Pantin_Jackwood M. et al, 2010).

Em 2009, acompanhamos um episódio de lotes de perus reprodutores com severa queda da produção de ovos. Descartados outros agentes como PMV3, VNC e Pneumovírus restou a suspeita de envolvimento do H1N1 nessa granja, não confirmada pela falta de meios diagnósticos para estes casos.

Cepas de E.coli Patógenos para

● ● ● ●
Atual dinâmica dos sistemas produtivos leva cada vez mais a um estreito contato homem-animal. Este perigo nem sempre pode ser bloqueado com as medidas de biosseguridades atuais

● ● ● ●
Aves (ECPA) podem contaminar as carcaças durante o processamento e ocasionar toxi-infecções de origem alimentar em pessoas. Muitas destas ECPA provêm de humanos que contaminam o lote de aves podendo posteriormente ser veiculadas na carcaça durante o abate (Nolan L. & Juelsgaard Dean S.G, 2011). O mesmo sucede com salmonelas e campylobacter, onde é reconhecido o homem como fonte destes patógenos entre as populações de aves.

Encontra-se com frequência algumas situações onde a biosseguridade é desafiada: patógenos que o homem pode transportar mecanicamente são bloqueados com me-

didadas como tempo de vazio entre ingresso a granjas, banho, troca de roupas, higienização das mãos etc. Exemplos típicos são os micoplasmas, que podem ser mecanicamente transportados nas roupas, cabelo ou até mucosa nasal, mas com as práticas de higiene para ingresso nas granjas, conseguem ser eliminados com eficácia.

Porém, diferente é a situação para alguns patógenos que permanecem, se multiplicam e são eliminados pelo homem através da respiração, excreções ou espirros. Nestes casos, são as pessoas que contaminam os animais confinados e isto se configura em um grande risco para os programas de sanidade animal. Criam situações de desafio na biosseguridade de granjas e as medidas atualmente praticadas para ingressar nos galpões não conseguem eliminar dos humanos alguns patógenos dos quais são portadores.

Comentários

A atual dinâmica dos sistemas produtivos leva cada vez mais a um estreito contato homem-animal. Locais de criação com altas lotações, fechados e movimento do ar com sistemas de exaustores, facilitam a troca do ar respirado e de micróbios das superfícies corporais, entre as espécies que compartilham, mesmo pontualmente, o mesmo ambiente. Assim, humanos podem passar seus próprios patógenos para os animais suscetíveis e estes perigos nem sempre podem ser bloqueados com as medidas de biosseguridade atualmente praticadas. Novos procedimentos como vacinação para algumas doenças, exames e atestados de saúde periódicos para os operadores e visitantes terão que ser incluídos nos protocolos de biosseguridade das granjas para minimizar as consequências.

Acesse a íntegra do texto com as referências bibliográficas em www.avisite.com.br/cet.